

TEMPO AFRICANO

Palavras do Gen Chito Rodrigues na apresentação do livro Tempo Africano de Manuel Barão da Cunha, (Verney-Oeiras a 20 de Maio de 2009)

Exmo. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de Oeiras
General Presidente da Comissão de História Militar
Presidente do Núcleo de Oeiras da Liga dos Combatentes
Minhas Senhoras e meus Senhores

Com a sessão de hoje, a quinta, termina esta primeira fase das tertúlias sobre os escritores militares e o Fim do Império.

Julgamos terem tido o êxito pretendido e para isso contribuiu o apoio da Câmara Municipal de Oeiras e do seu Presidente Dr. Isaltino Moraes garantindo a possibilidade de podermos utilizar este espaço e a sua tradição.

O meu apreço ao Cor Manuel Barão da Cunha e ao senhor Presidente do Núcleo de Oeiras, Cor Montês que coordenou esta acção por parte da Liga

A feliz coincidência de mais um aniversário da Verney a que com muita honra nos associamos, tornam este dia um dia verdadeiramente festivo, já que se homenageia também quem lhe deu vida e projecção.

“Desde há muitos séculos que o homem encara a obra literária como uma forma de superação e de libertação de elementos existenciais adversos e como uma procura de paz e de harmonia íntimas”. Parece ser esta óptica, que João Aguiar no prefácio desta obra de Barão da Cunha advoga, quando afirma que é urgente fazer a catarse da guerra e da perda do Império. Não parece empregar o termo na óptica da linguagem religiosa em que a catarse conduz à purificação ritual ou na da linguagem médica que a identifica com um processo purgativo que retira do corpo os elementos nocivos. Nem tão pouco Aristóteles advogava como ideal a apatia, ou seja a libertação da alma de qualquer paixão.

Parece-me pois que, na linha de muitos combatentes escritores, nesta obra, Barão da Cunha procura a paz e harmonia consigo mesmo transmitindo aos outros uma experiência de vida, de que não mostra arrependimento, nem saudade, nem tão pouco desejo de libertação de uma paixão incomodativa, mas onde se respira um sentimento de quem se orgulha de ter vencido o medo, o risco e de ter sido capaz de conduzir homens em situações extremamente difíceis, no cumprimento de uma missão militar ao serviço do seu país. Só assim se entende que tenha sentido o desejo de revisitar essas situações e essas emoções, dando-lhes uma tonalidade enriquecida pela presença de outros curiosos personagens e praticamente reeditando uma das suas primeiras obras. De tal forma que o exercício feito há longos anos, não lhe retirou as paixões e o desejo de o reproduzir e retransmitir aos portugueses de hoje, de uma forma actual e lúcida que lhe dá actualidade e profundidade histórica. Mas o que apetece sublinhar mais é a honestidade intelectual, clareza e frontalidade com que fala da guerra e dos acontecimentos vividos.

Tive o mesmo sentimento ao ler este livro, que tive ao ler António Lobo Antunes quando escreve sobre a guerra de África. O sentimento de estar a ler alguém intelectualmente honesto. Este livro de Barão da Cunha, segue aquela linha de pensamento que acredita ser possível escrever sobre história militar, sem obrigatoriamente se deixar politizar. Nessa linha encontram-se aqueles que, como o americano John Cahn, de uma forma equidistante e independente, descrevem e analisam com profundidade a acção das Forças Armadas Portuguesas, durante treze anos de guerra, em três teatros de operações, a muitos milhares de quilómetros da retaguarda logística, contra cinco movimentos inimigos diferentes, alimentados pelos dois grandes da Guerra Fria.

Identificam mesmo na guerra de África 1961/1974 “um modo português de fazer a guerra”. É esse modo português de fazer a guerra que respiramos ao ler Tempo Africano. A descrição dos factos, extremamente personalizada, factual e descritiva que sistematicamente nos leva a perguntarmo-nos como é possível descrever com tal pormenor e momento a momento. Por outro lado os diálogos e a descrição real dos acontecimentos descendo ao nível individual do comportamento na guerra, mostram como foram evidentes a necessidade de liderança, de chefia, de comando, de capacidade de decisão, coragem, espírito de missão, determinação, camaradagem, entre - ajuda, exemplo, dureza, capacidade de sacrifício, bom senso, lealdade, auto domínio, enfim de muita tolerância e de muito humanismo. Humanismo que transborda quer durante a actividade operacional quer nos vários encontros pós guerra e nas profundas amizades criadas.

A Páginas 251, passados anos, “ estão todos à mesa da esplanada: “Saem pregos com gindungo” e vêm “quitetas com “cuca preta”. E o mar espreguiça-se mansamente no areal da ilha.

- Sim, são emoções que guardamos para sempre.

Isto é o que nos faz diferentes dos outros” (fim de citação).

Felizmente, ou não, não estamos entre aqueles a quem, como diz João Aguiar, é difícil apreender o conteúdo por não terem vivido experiências semelhantes.

Passei os anos de 1963 e 1964 nos Dembos, precisamente nos espaços e locais referenciados no livro do Barão da Cunha. De Quicabo a Quicua passando por Balacende, Beira Baixa, Onzo e Quedro ou de Mucondo, Tari, Muxaluando, Nambuanguo, Faz Madureira, Zala, Bela Vista e Vila Pimpa, localidades que materializavam os itinerários em X que recortavam os Dembos e os tornavam, como à sua floresta densa, numa área penetrável.

Por isso, ao ler a acção do Barão da Cunha e das suas forças em 1961 nos Dembos, (como dizes: “naquela noite de Agosto de 1961 aquele punhado de homens isolado nos Dembos não conseguia descansar”- fim de citação) no início do conflito, desbravando o desconhecido, e tendo eu vivido o que aquilo era e o que ali acontecia em 1963 e 64, e continuou nos anos seguintes, onde não havia possibilidade de qualquer autoridade administrativa pela simples razão de que não havia população apresentada, a área era uma verdadeira área militar, aliás a única do género em Angola, onde o inimigo não se via mas sempre que podia matava, sinto uma profunda admiração pela forma como a obra que comentamos, nos transmite os problemas humanos, logísticos e operacionais das chamadas pequenas unidades em guerra subversiva quer em Angola quer na Guiné.

Meu caro Barão da Cunha

Apenas mais dois apontamentos.

Respira-se no teu livro o teu respeito e orgulho por teres sido Dragão de Angola.

Por outro lado, embora tenhas o curso geral de estado-maior, não deixas de fazer um comentário ao estado-maior, como é tradição. Permite que deixe uma referência aos teus Dragões e outra aos oficiais de Estado-Maior. Tenho para mim que todos os ramos, armas e serviços são importantes, mesmo fundamentais, bem como a sua eficiência e competência são necessárias a quaisquer Forças Armadas. Pode contribuir-se para o sucesso em qualquer função que nos seja atribuída. Gostava de te dizer que precisamente nos anos em que revisitavas Angola nos anos setenta,” e da varanda da pastelaria Versalhes olhavas a rua” eu fazia a minha segunda comissão, também em Angola, agora no Comando da Região Militar e Comando Chefe, como oficial de estado-maior e número dois das operações em Angola.

Permitam-me que assinale o que o General Costa Gomes afirma a José Freire Antunes, a Pag. 118 do I Volume Livro A Guerra de África 1961 1974: ”Eu e o meu oficial de operações o actual Gen Chito Rodrigues mudámos completamente o centro de operações. Em seis meses transferimos o centro de operações do Norte para o Leste” (fim de citação). De facto, face ao estudo do inimigo, concebi, planeei e propus superiormente ao General Costa Gomes e conduzi a mudança de esforço estratégico das operações do Norte para o Leste de Angola, naquilo que terá sido a maior operação no espaço, no tempo e nos meios e efectivos movimentados durante a guerra em Angola, garantindo condições para o seu sucesso.

Iniciada em Maio de 1970 estava terminada em fins do mesmo ano, em operações permanentes, passando o dispositivo de 5 para 12 batalhões e atribuindo à zona de operações, mais de metade do território de Angola, para fazer frente ao esforço do inimigo e para receber um comando conjunto, desde o início destinado ao General Bettencourt Rodrigues que chegou a Angola em Março de 1971 e conduziria a guerra e a Administração Civil, na Zona à sua responsabilidade, de forma excepcional. Nesta operação aos teus Dragões de Silva Porto, até aí uma unidade de instrução da Zona Militar Centro, foi dada uma missão operacional e integrada na Zona Militar Leste onde viria a ter um comportamento à altura da cavalaria portuguesa e dos seus Dragões.

Minhas senhoras e Meus senhores

Felicito o autor como militar, como homem de cultura e como escritor e afirmo que com a sua acção e o seu testemunho, bem como os dos que ali cumpriram os destinos do país, é hoje possível continuar a sentir que foi cumprida, com honra, uma missão militar e que o futuro que acabou por se desenhar, aponta para uma comunidade de novos Brasis, em que Portugal terá assumidamente novos irmãos. Permitam-me que ilustre esta minha intervenção com dois poemas meus, um dedicado aos que regressaram vivos e outro dedicado aos que regressaram mortos. Um, não por acaso, tem por título, “Tempos Africanos” e o outro “Regresso”.

TEMPOS AFRICANOS

*Por mares por nós sempre navegados
Partimos para uma guerra anunciada
Sob céus azuis cinzentos avermelhados
Em terra de tempos africanos fadada
Sofremos agruras de homens desterrados*

*Lutámos, lutámos ao lado das populações
Apoio psicológico e social eram o lema
Sempre que inimigo não impunha guerra
Convívio humano e racial eram paz serena
E desenvolvimento transformava a Terra*

*O tempo político usurpou boa vontade
Dos que durante catorze anos se bateram
Que importou a espada, o gládio e o arado
Dos que na frente sabem o que fizeram
Se na retaguarda político quedou parado*

*Até agora combatentes mal compreendidos
Por políticos então opositores do governo
Hoje Ilustres governantes bem sucedidos
Aguardam apoios ou que o tempo os leve
Até que pela História sejam reconhecidos*

REGRESSO

*Está um vapor acostado ao cais
Que suporta a dor de mulher e pais!*

*Do porão, em guindaste elevado ao céu,
Sai um caixote envolvido em imaginário véu...*

*Véu de esperança à partida. Véu de guerra.
Véu que deita alguns heróis por terra...*

*Traz dentro um marido e um filhote
E o caixão, não é mais que um caixote...*

*Saiu entre muitos, com seu Batalhão,
Regressa mais só... que a própria solidão...*

*Vem deitado. Erguido aos céus, não mexe mais
Cai nos braços de mulher e pais*

*Alguém esperando, tem uma Bandeira na mão...
Estende-a sobre um corpo dentro de um caixão...*

*Vem anónimo. Sem se saber o que terá sofrido
Veio, como vem qualquer soldado desconhecido*